

**VII Congresso da Associação Latino-Americana de População (ALAP)
XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)
Foz do Iguaçu (Brasil) de 17 a 22 de outubro de 2016.**

**Violência e Sexualidade: Uma análise comparativa entre jovens LGBT e
heterossexuais estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte**

Alessandra Sampaio Chacham¹

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Introdução

A relação entre juventude e violência é muito complexa, sendo crucial o entendimento que diferentes segmentos da população jovem estão sujeitos a diferentes tipos de violência, e que mesmo a violência urbana estando tão generalizada, ela atinge aos homens jovens, mais especificamente o homem jovem negro de forma desproporcional. Os alarmantes índices de homicídios brasileiros têm como principais vítimas os jovens. De acordo com o Mapa da Violência (Waiselfisz, 2015), 58,7% das vítimas de homicídio por armas de fogo em 2012 tinham entre 15 e 24 anos de idade. Entre as vítimas predominam os homens jovens que constituem 95% das vítimas de homicídio e os negros, que representam mais de 70% das vítimas. Dados como estes tem recebido grande destaque na mídia e se tornado alvo de ações e políticas públicas e objeto do interesse de diferentes tipos de estudiosos. No entanto, no que pese os níveis extremamente altos de homicídio contra os jovens no Brasil, essa é apenas uma das formas pela qual a violência contra os jovens se manifesta, sendo que outras particularidades da violência sofrida pelos jovens, muitas vezes não contempladas nessa discussão.

Para as mulheres jovens, a violência de gênero, principalmente a que ocorre dentro do domicílio, continua a ser a forma de violência mais comum, sofrida por elas. Já entre os jovens LGBTT (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais), ao risco da violência urbana, sofrida com maior intensidade ainda pelo transexuais, soma-se o a violência praticada pela própria família. E a violência na escola, ainda que não receba tanto destaque, é uma realidade presente na vida de muitos jovens, seno que nesse contexto, muitos aparecem não somente como vítimas, mas também os autores da violência contra os colegas.

Nesse trabalho nossa intenção é apresentar as características da experiência com a violência entre jovens estudantes de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, seja frequentemente como vítima, mas muitas vezes como agressor. Essa pesquisa é fruto de um recorte analítico realizado a partir de dados da pesquisa “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, que teve como público-alvo jovens entre 14 e 24 anos, provenientes da rede pública de ensino da cidade de Belo Horizonte. Essa pesquisa foi realizada em 2012 com 1208 adolescentes e jovens provenientes de escolas da rede pública de ensino em Belo Horizonte, sendo que entre esses, 296 entrevistados participavam à época da entrevista do programa PLUG Minas, um programa cultural

criado pela Secretaria de Cultura do governo do estado de Minas Gerais. Esse programa funciona em parceria com empresas e instituições privadas, sendo voltado para estudantes da rede pública de ensino, visando promover os direitos de cidadania e o protagonismo dos jovens por meio da inclusão digital, do acesso a atividades culturais e artísticas e também por meio de cursos de empreendedorismo e laboratórios de línguas. São cinco núcleos de atividades que funcionam no local, um terreno no qual funcionava a antiga Febem e que atendem cerca de dois mil jovens anualmente.

A partir dessa ampla base de dados, propomos investigar a exposição dos jovens entrevistados à violência, analisando comparativamente entre as experiências com diferentes tipos de violência e discriminação entre jovens do sexo masculino e feminino e também entre jovens com diferentes orientações sexuais. A trajetória sexual e reprodutiva desses jovens também é analisada aqui, buscando compreender como a experiência com a violência pode impactar na saúde sexual e reprodutiva dos jovens.

Ao comparar homens e mulheres jovens, buscamos identificar os fatores que aumentam a susceptibilidade desses à violência e compreender as especificidades das experiências com a violência experimentadas por cada sexo. A hipótese é de que os processos de socialização de gênero aos quais os mesmos são submetidos os deixa mais vulneráveis à violência urbana enquanto que as jovens estariam mais sujeitas a violência de gênero e predominantemente no espaço doméstico. Já para os jovens LGBTTT, como foi observado acima, ao risco da violência urbana, sofrida com maior intensidade ainda pelo transexuais, somar-se-ia à violência praticada pela própria família e dentro da escola.

2. Juventude e violência

A discussão acerca da relação entre juventude e violência nos leva a distintos horizontes, de acordo com a forma como a analisamos. No caso deste trabalho, cujo objetivo é comparar a experiência de homens e mulheres, é importante destacar que as diferentes estruturas sociais que permeiam a vida de meninos e meninas os fragilizam ou os protegem de forma diferenciada, expondo-os a diferentes riscos sociais e vulnerabilidades. O que há em comum, entre os dois grupos, é a questão da desigualdade social – quanto maior a desestruturação familiar, o desemprego, a falta de acesso à educação e à cultura, ao esporte, ao lazer, entre outros, maior também a degradação da autoestima e maior as chances de envolvimento em situações de violência urbana, doméstica e criminalidade, Zaluar (2009) revela, em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, que as manifestações de violência contra homens e mulheres acima de 15 anos de idade,

são três vezes maiores na favela, em relação ao restante da cidade, bem como é também maior entre pessoas de cor/raça preta ou parda e de menor escolaridade.

Os jovens do sexo masculino tendem a ser cooptados pelo tráfico de drogas e de armas, que é a dinâmica criminal que mais cresce nas regiões metropolitanas brasileiras (SOARES, 2004). Este tipo de crime organizado tiraniza as comunidades pobres e recruta as crianças, adolescentes e jovens, que passam a vê-lo não só como um meio econômico de vida, mas também como um estilo cultural, já que este tipo de conduta reafirma a postura viril de um homem perigoso, os tira da invisibilidade, muitas vezes causada pela indiferença e faz deles “alguém”, se tornando uma virtude pessoal.

Já no caso das jovens mulheres, as mesmas são vítimas de uma violência menos conhecida publicamente, mas intensamente vivida na privacidade, que é a violência de gênero. Normalmente, a falta de projetos relacionados à escola e ao mercado de trabalho, naturaliza a cultura da mulher em casa, cuja perspectiva comum é casar e ter filhos. Além disso, a violência doméstica, o racismo e a homofobia, bem como destaca Soares (2004), são crimes que se mantêm à sombra da lei, sob o manto da negligência.

Alba Zaluar (2009) sinaliza bem esse cenário, ao encontrar, na cidade do Rio de Janeiro, padrões diferenciados da violência sofrida por homens e mulheres. Entre os homens envolvidos em algum episódio de agressão, mais de 70% estava em locais públicos, como bares, casas noturnas, bailes e estádios. Já entre as mulheres, quase 60% foram agredidas em espaços domésticos ou privados. A maioria das mulheres conheciam seus agressores próximos e íntimos (que são homens, em grande parte dos casos), o que comprova o caráter familiar ou privado das agressões sofridas. Os homens, ao contrário, em geral não os conhecem. Simplificando, as mulheres estão mais propensas a apanhar de homens mais próximos (por obediência ou medo) e os homens são mais propícios a brigar entre si, conhecendo-se ou não, já que no universo masculino, assim como ressalta Bourdieu (2007), há uma recusa a qualquer tipo de submissão, sendo essa a lógica da dominação masculina, vista em nossa sociedade como algo “natural”.

Esse cenário de desigualdade de gênero é uma violência simbólica cultural, sendo que os dominantes garantem o controle ideológico dos dominados, de tal forma que suas posições são inquestionáveis, como um conjunto de regras nem escritas e nem ditas, mas que surgem como uma prática social estável e normal. Dessa forma não há dúvida de que as diferenças entre os padrões de agressões entre homens e mulheres acabam por influenciar no fato de denunciarem ou não a agressão sofrida. A possível continuidade da relação com o agressor inibe as mulheres de registrarem ocorrência, e por fim as mesmas

acabam negociando ou usando meios próprios para resolver o problema (Zaluar, 2009). Na apresentação dos resultados da pesquisa cujos dados são trabalhados neste estudo, veremos como essas questões permeiam algumas realidades específicas.

2.1. Violência na Escola

Um tipo de violência pouco documentado quando se tem referência a escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência (CASTRO, ABRAMOVAY, 2004). Mas ainda que se focalize aqui mais a questão da homofobia, são diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade, desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes, para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências.

De fato, a discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e ao sexismo, são não somente mais abertamente assumidas, em particular por jovens alunos. Quando se pergunta aos alunos sobre quais pessoas ele não gostaria de ter como seu colega de classe, aproximadamente 1/4 dos alunos indicam que não gostariam de ter um colega homossexual (CASTRO, ABRAMOVAY, 2004). Ressalta-se que os jovens do sexo masculino, em qualquer capital analisada, rechaçam com maior intensidade a homossexualidade (CASTRO, ABRAMOVAY, 2004).

2. MÉTODOS

Os dados aqui analisados foram coletados por meio de questionário pré-codificado que teve como objetivo, entre outros, mapear as práticas de acesso e os usos de tecnologias digitais, em especial a internet, a participação em atividades culturais, o grau de acesso a informação por diferentes meios, a trajetória escolar e a situação laboral (trabalho remunerado e doméstico) do jovem, além de questões referentes à descrição do

cotidiano dos jovens, grau e autonomia e participação social, mais questões sobre sexualidade e reprodução, situações de violência/discriminação e os projetos de vida relativos à formação educacional, inserção ocupacional e formação de família, por parte dos entrevistados. O instrumento de coleta de dados também continha os quesitos necessários para a caracterização socioeconômica dos entrevistados, incluindo questões sobre as condições do domicílio, a idade, a renda, o trabalho e o nível de escolaridade dos componentes do domicílio e o arranjo familiar no momento da entrevista.

Durante o trabalho de campo foram entrevistados 912 adolescentes/jovens em nove escolas públicas localizadas na cidade de Belo Horizonte, e 296 jovens estudantes de escolas públicas que participavam do programa PLUG Minas. As entrevistas foram feitas entre os meses de agosto a novembro de 2012, e foram realizadas em nove escolas, sendo uma em cada regional da cidade, a saber: Barreiro, Centro Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova. Sorteamos aleatoriamente uma escola em cada regional e aplicamos 100 questionários em cada instituição de ensino, distribuindo uniformemente as 100 entrevistas pelo número de salas de aulas, em todos os turnos, que tivessem alunos entre 14 e 24 anos, a mesma faixa etária atendida pelo PLUG. Dessa forma, cada aluno dessa escola tinha uma chance igual de ser entrevistado e também garantimos que todas as séries/anos/turnos e que também jovens de diferentes idades fossem igualmente contemplados. Além disso, o sexo também foi critério para distribuição das cotas – garantindo certa homogeneidade de série/ano, sexo e idade. Contudo, ao final do trabalho de campo, obtivemos uma amostra com maior número de jovens do sexo feminino, pois essas são maioria nas escolas, e um menor número de adolescentes com 14 anos e de jovens entre 20 a 24, público menos presente na escola – os primeiros por ainda estarem, em grande parte, no ensino fundamental e os outros por já terem concluído o ensino médio.

Todas as informações obtidas foram confidenciais, sendo garantido o sigilo aos entrevistados, bem como à escola (os diretores das escolas e os alunos entrevistados assinaram um termo de consentimento). Os questionários e quaisquer outras anotações não continham o nome dos entrevistados e nem alguma outra forma de identificação que permitisse identificar quem concedeu a entrevista. A pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais, sendo necessária essa aprovação para que nos fosse permitido o acesso aos alunos.

4.RESULTADOS

4.1. Principais características da amostra selecionada

Como citado anteriormente, os entrevistados eram todos alunos ou ex-alunos de escolas públicas. Foram excluídos da nossa análise 72 jovens alunos do Programa PLUG Minas que já não eram mais estudantes de escolas públicas na época da pesquisa, para garantir a uniformidade da nossa amostra, ficando com um total de 1136 entrevistados em nossa análise. Os dados acerca do perfil social, econômico e demográfico dos adolescentes e jovens entrevistados cujos dados foram analisados nesse trabalho são apresentados na tabela 1.

Em relação a idade, a grande maioria dos jovens entrevistados (95%) eram adolescentes entre os 14 e 19 anos de idade, dado que está dentro do esperado considerando que foram entrevistados somente alunos que estavam na nona série do ensino fundamental e nos três anos do ensino médio. Os jovens entrevistados entre 20 e 24 em geral eram alunos do EJA (Educação de Jovens Adultos) e estudavam no turno da noite. Encontramos uma predominância de alunas do sexo feminino (52,7), o que também está dentro do esperado considerando que no Brasil, após os 14 anos de idade, é comum encontramos uma proporção mais alta de meninas frequentando a escola do que de meninos, fenômeno que pode ser explicado em parte pela tendência de os homens jovens começarem a trabalhar mais cedo no mercado de trabalho formal, enquanto as jovens muitas vezes têm responsabilidade pelo serviço doméstico.

Em relação à escolaridade, apesar de todos entrevistados estarem frequentando a escola no momento da entrevista, foi possível observar que as jovens entrevistadas apresentaram uma tendência a estar frequentando séries mais elevadas que os rapazes, ainda que essa diferença não fosse significativa.

Esse melhor desempenho feminino na escola ainda se torna mais interessante pelo fato de que os jovens do sexo masculino declararam uma renda familiar mais alta em média do que a das jovens (R\$2537,00 contra R\$2176,00), que também eram mais prováveis de residir em domicílios onde se recebe bolsa família (26% das jovens contra 19% dos rapazes), diferenças estatisticamente significativas. Essa disparidade pode indicar que o custo de se manter um homem jovem na escola após os 16 anos (quando o trabalho juvenil se torna legal), é muito mais alto para a família de baixa renda, enquanto que as jovens, mesmo tendo obrigações domésticas muito mais numerosas que os rapazes, ainda assim, conseguem se manter na escola.

Tabela 1 – Distribuição da amostra por sexo, idade, renda, cor e orientação sexual, desagregado por local da entrevistada, em percentual. Belo Horizonte, Brasil, 2012

Distribuição da amostra, por sexo, idade, renda, cor e orientação sexual	Total (n=1136)	Meninas (n=599)	Meninos (n=537)	P-valor*
Idade				
14 a 19 anos	94,9	95,5	94,2	0,337
20 a 24 anos	5,1	4,5	5,8	
Escolaridade				
Até a 8ª série do ensino fundamental	2,7	2,5	2,8	
9ª série do ensino fundamental	35,7	34,7	36,9	
1º ano do ensino médio	28,7	28,2	29,2	0,578
2º ano do ensino médio	28,6	29,5	27,6	
3º ano do ensino médio	4,3	5,0	3,5	
Renda Familiar (média)	R\$2.351,51	R\$2176,34	R\$2537,36	0,005
Recebe bolsa família	22,7	26,2	18,8	0,001
Responsável pelo domicílio				
Pai	33,9	33,4	34,4	
Mãe	38,4	38,1	38,9	0,265
Mãe e Pai	11,8	11,5	12,1	
Avôs, tios, outros parentes	13,4	13,5	13,0	
Entrevistada (o)/Companheiro(a)	2,5	3,5	1,6	
Renda do Responsável (média)	R\$1.357,66	R\$1257,58	R\$1471,63	0,003
Cor/Raça				
Preta	22,8	20,4	25,0	
Parda	49,5	20,2	25,5	0,074
Branca	23,0	53,8	45,1	
Outro	4,7	4,8	4,4	
Religião atual				
Nenhuma	17,3	13,9	21,2	
Católico	36,5	37,1	35,9	0,017
Evangélico/protestante	42,8	44,9	40,6	
Outro	3,3	4,1	2,3	
Orientação Sexual				
Heterossexual	94,5	95,2	93,9	0,000
LBGT	5,5	4,8	6,2	

Fonte: Pesquisa “*Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo*”, Belo Horizonte, Brasil, 2012.

Contudo, a maioria dos entrevistados, seja do sexo feminino ou masculino, residia em domicílio com renda média de quase um salário mínimo per capita, já que a média de moradores das residências foi de quatro pessoas, o que os coloca acima da linha de pobreza, de acordo com os parâmetros oficiais. Dado que aponta para o caráter excludente do ensino médio: o jovem que está lá, mesmo em escola pública, em geral não pertence às camadas mais excluídas da população.

Quando comparamos a renda domiciliar dos jovens entrevistados, entre o subgrupo de alunos do PLUG com os entrevistados nas escolas (dados não apresentados), pudemos observar eram originários de famílias com o mesmo nível socioeconômico, apesar dos alunos do PLUG declararem em média uma renda mais baixa do que os alunos de escola pública em geral (R\$2.430,00 para alunos de escolas públicas contra R\$2.035,50 para alunos do PLUG), sendo essa diferença significativa. No entanto, em relação às outras características socioeconômicas e demográficas, de modo geral não foram encontradas diferenças significativas entre esses dois grupos, resultado que justifica nossa decisão juntar em nossa análise, a sub amostra de alunos do PLUG (que também eram estudantes de escolas públicas) com o restante de alunos de escolas públicas.

Em relação à raça/cor uma proporção maior de jovens do sexo feminino se declarou parda, enquanto que uma proporção maior de jovens do sexo masculino se declarou da cor branca, fator que também pode estar relacionado com a renda familiar mais baixa encontrada entre as jovens entrevistadas. Quando perguntados religião atual, predomina entre os entrevistados, os pentecostais ou evangélicos (44%), seguido de católicos (36%), sendo que entre as jovens a proporção de evangélicas e protestantes é um pouco mais alta do que entre os rapazes, e entre esses a proporção dos que se declaravam sem religião foi bem mais alta do que entre as jovens (21% contra 14%). Finalmente, a proporção de jovens que declarou se identificar como de outra orientação sexual que não a de heterossexual foi de 5,5% entre os jovens entrevistados, sendo que uma proporção um pouco mais alta de jovens do sexo masculino se declarou não heterossexual (6,2%) do que entre as jovens (4,8%), diferença pequena, mas estatisticamente significativa. Entre os jovens LGBT, uma maior proporção de jovens do sexo feminino declarou ser bissexual do que entre os rapazes, que foram mais prováveis de se declarem homossexuais.

4.2. Principais características da exposição à violência

Passamos agora para a análise dos dados referentes ao tema da violência – as características da experiência com a violência, por gênero e orientação sexual. Procedemos com o uso do teste Qui-quadrado, um teste de hipótese não-paramétrico, adequado à interpretação dessas tabelas. Foram feitas comparações entre o grupo de homens e mulheres jovens, heterossexuais e não-heterossexuais, todos sendo alunos de

escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, em relação ao envolvimento dos mesmos em episódios de violência (em que os mesmos tenham sido vítimas ou agressores).

Tabela 2 – Violência entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais, 2012.

Experiência com a violência entre os alunos de BH por idade, em percentual	Total (n=1136)	Meninas (n=599)	Meninos (n=537)	P-valor*
Já foi agredido/a				
Sim	32,5	24,0	41,9	000,0
Não	67,5	76,0	58,1	
Por quem foi agredido/a	42,9	30,6	50,9	
Colega de escola	17,7	8,3	23,7	
Amigo/vizinho	14,9	31,3	4,5	
Pais	5,7	8,3	4,0	
Irmão/ã	3,5	8,3	0,4	000,0
Namorado/ex	7,1	2,8	9,8	
Desconhecidos	2,7	3,5	2,2	
Parentes	1,9	1,4	2,2	
Outros	3,5	5,6	2,2	
NS/NR				
Já agrediu alguém				
Sim	36,4	27,0	46,9	000,0
Não	63,3	72,6	52,9	
NS/NR	0,3	0,4	0,2	
Quem você agrediu				
Colega de escola	49,8	45,1	52,8	
Amigo/vizinho	20,0	13,0	24,6	
Irmão/ã	13,0	22,8	6,7	
Namorado/ex	2,9	7,4	0,0	000,0
Desconhecidos	4,6	2,5	6,0	
Parentes	2,9	4,3	2,0	
Assaltante	4,1	1,2	6,0	
Outros	2,7	3,7	2,0	
NS/NR				

Fonte: “Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo”, Belo Horizonte, Brasil, 2012. * Correlação significativa quando p-valor=0,05 ou menor.

Os dados apresentados na tabela 2 ilustram de forma clara como a experiência da violência é marcada pela questão de gênero: o tipo de violência a qual os jovens estão expostos variam significativamente entre os homens e as mulheres jovens. As correlações

foram significativas em todos os casos: os homens jovens se envolveram, muito mais que as jovens, em episódios de violência, e as suas vítimas, ou os seus agressores, fazem parte de um contexto diferente do feminino. Quase a metade dos meninos entrevistados já agrediu alguém, sendo os colegas/amigos de escola, as vítimas mais comuns. Entre as mulheres, 27,5% declararam já ter agredido alguém. Assim como entre os homens, entre elas, é alto o número que já agrediu colegas de escola, porém entre o público feminino as agressões dentro do ambiente doméstico (irmãos, parentes e companheiros/namorados) é muito mais frequente.

Em relação aos episódios em que os entrevistados foram agredidos, um número bem maior de homens já foi agredido – 40% entre eles e 23% entre elas. A escola, novamente, aparece como o grande lócus da violência, em ambos os grupos. E novamente a violência doméstica é consideravelmente alta entre as mulheres, o que corrobora a nossa hipótese inicial, de que os homens, por terem mais liberdade, desde mais jovens, acabam ficando mais desprotegidos e logo mais expostos à violência fora de casa e ainda que as mulheres não ficam imunes a este tipo de violência, a violência doméstica a atinge de forma bem mais intensa. A violência por parte de parceiras/os foi praticamente não declarada pelos rapazes. Entre esses, a violência na rua, advinda de conhecidos, colegas, vizinhos e mesmo de amigos é bastante alta, mesmo que a violência urbana, devido a assaltos e/ou agressões da polícia não apareçam como sendo significativas aqui, fica claro que os jovens do sexo masculino estão expostos a outras formas de violência que não a doméstica numa escala muito superior à das jovens, e que provavelmente, o fato da expressão da violência ser muitas vezes utilizada como uma forma de afirmação da masculinidade pelos jovens no Brasil, os expõem de maneira mais acentuada a esse tipo de violência.

Os entrevistados também foram perguntados a respeito de episódios de discriminação (Tabela 3). Dessa vez, um número maior de meninas respondeu que já se sentiu discriminada quando comparado aos meninos, 38% e 33%, respectivamente, entre os jovens entrevistados nas escolas. Mais uma vez a escola aparece como a grande vilã neste cenário – mais da metade dos entrevistados disse ter sido vítima de preconceito por um colega de escola. Em os jovens entrevistados nas escolas, para meninos e meninas, o principal motivo pelo qual foram discriminados refere-se à raça/cor, 25% entre eles e 18% entre elas.

Tabela 3 - Violência entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/Minas Gerais, 2012.

Experiência com a discriminação entre os jovens entrevistados por sexo, em percentual	Total (n=1136)	Meninas (n=599)	Meninos (n=537)	P-valor
Já se sentiu discriminadx				
Sim	38,1	39,1	37,1	0,000
Não	61,8	60,9	62,8	
Por quem já sentiu discriminadx*				
Colega de escola	52,9	57,7	47,2	0,002
Amigo/Colega	20,1	17,5	23,1	
Estranhos	8,3	5,6	11,6	
Familiares	6,7	9,4	3,5	
Pessoas em posição de autoridade	6,5	4,7	8,5	
Conhecidos	4,2	3,0	5,5	
Outros	1,4	2,1	0,5	
Porque já sentiu discriminadx*				
Raça/cor	22,5	20,7	24,5	0,454
Estar acima do peso	11,1	12,3	9,7	
Orientação sexual	8,7	7,0	10,7	
Aparência física/por ser feia	7,1	8,4	5,6	
Características físicas	13,2	15,0	11,2	
Comportamento/Opiniões	17,3	15,4	19,4	
Classe social	4,5	4,0	5,1	
Religião/crenças	5,0	4,8	5,1	
Outros	10,6	12,3	8,7	

Fonte: Pesquisa “*Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo*”, Belo Horizonte, Brasil, 2012. * Correlação significativa quando p-valor=0,05 ou menor.

É interessante observar é que entre os meninos é mais comum terem sido discriminados por causa da raça e classe social e entre as meninas, ainda que a questão racial apareça de forma significativa, questões estética predominam, o que corresponde a expectativas sociais típicas da estrutura desigual de gênero – em que o homem deve ser o provedor e logo prover melhores recursos econômicos, enquanto as mulheres são idealizadas de acordo com padrões de beleza socialmente determinados, apesar de que, estar acima do peso foi motivo de discriminação entre ambos os sexo em proporção quase iguais entre os alunos de escola pública.

A tabela 4 continua a discussão acima focando na diferença entre as experiências com a violência, seja como agredido ou como agressor, entre jovens do sexo masculino e

feminino, mas comparando entre as experiências dos jovens heterossexuais e LGBT do sexo masculino e do feminino. Novamente, as correlações foram significativas em todos os casos, os homens se envolvem, heterossexuais ou não, envolvem-se muito mais que as mulheres, em episódios de violência.

Tabela 4 - Experiências com a violência entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de BH/por sexo e orientação sexual.

Experiência com a violência por sexo e orientação sexual, em percentual	Meninos			Meninas		
	Hetero (n=504)	LGBT (n=33)	P-valor	Hetero (n=570)	LGBT (n=29)	P-valor
Já foi agredidx						
Sim	40,9	57,6	0,060	23,9	27,6	0,647
Não	59,1	42,4		76,1	72,4	
Por quem foi agredidx						
Colega de escola	49,8	63,2	0,011	31,6	12,5	0,571
Amigo/Colega de rua	25,9	0,0		8,1	12,5	
Pais	3,4	15,8		30,1	50,0	
Irmão/ã	4,4	0,0		8,1	12,5	
Namorado/(Ex)	0,5	0,0		8,8	0,0	
Desconhecidos	9,8	10,5		2,2	12,5	
Parentes	1,5	10,5		3,7	,0	
Outros	2,4	0,0		1,5	,0	
NS/NR	2,4	0,0		5,9	,0	
Já agrediu alguém						
Sim	47,2	45,5	0,844	26,5	44,8	0,031
Não	52,8	54,5		73,5	55,2	
NS/NR						
Quem você agrediu						
Colega de escola	52,7	53,3	0,539	45,6	38,5	0,248
Amigx/Colega de rua	24,9	20,0		12,1	23,1	
Irmão/ã	6,8	6,7		23,5	15,4	
Namoradx/ex	0,0	0,0		7,4	7,7	
Desconhecidos	5,5	13,3		2,0	7,7	
Parentes	1,7	6,7		4,7	0,0	
Assaltante	6,3	0,0		0,7	7,7	
Outros	2,1	0,0		4,0	0,0	
NS/NR						

Fonte: Pesquisa “*Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo*”, Belo Horizonte, Brasil, 2012. * Correlação significativa quando p-valor=0,05 ou menor.

Contudo, encontramos uma diferença significativa entre as jovens heterossexuais e não heterossexuais na sua experiência com a violência: meninas não heterossexuais, declararam praticamente na mesma proporção de que os meninos, já ter agredido alguém,

e em uma proporção menor, mas ainda assim maior do que a encontrada entre as jovens heterossexuais, de já terem sido agredidas. Quando examinamos que foram as vítimas da agressão ou os seus agressores, também encontramos que fazem parte de um contexto diferente do vivenciado pelas jovens heterossexuais. Diminui o número de agressões a colegas de escolas e aumenta a proporção de agressão a amigos, conhecidos, vizinhos e de estranhos na rua, apesar da violência contra parentes e parceiros, continuar alta.

Já entre as jovens heterossexuais, assim como entre os homens, entre elas, é alto o número que já agrediu colegas de escola, porém entre elas as agressões no ambiente doméstico (irmãos, parentes e companheiros/namorados) são muito mais frequentes quando comparadas aos jovens do sexo masculino. Entre esses, sejam heterossexuais ou não, o número de agressões praticadas na escola é bem alto, mas entre os LGBT é alto também as agressões contra desconhecidos e parentes, o que reforça a ideia de que os gays estão expostos com maior intensidade tanto à violência doméstica quanto nas ruas.

Em relação aos episódios em que os entrevistados foram agredidos, o cenário é bastante parecido. Um número bem maior de jovens do sexo masculino já foi agredido, sendo os homossexuais numa proporção ainda mais alta do que entre os heterossexuais – 58% entre os primeiros e 47% entre os últimos. Já entre as meninas, os números foram bem mais baixos, mas ainda assim, as jovens que se identificaram com LGBT declararam ter sofrido violência em uma proporção significativamente mais alta do que as jovens heterossexuais (27% contra 23%). A escola, novamente, aparece como o grande locus da violência para os meninos sendo essa ainda mais alta para os jovens não heterossexuais. E novamente a violência doméstica é consideravelmente alta entre as mulheres, principalmente para as jovens não heterossexuais, quando 50% delas declararam ter sido vítima de agressões por parte dos pais e 12,5% por parte dos irmãos. A violência praticada por desconhecidos ainda que mais baixa entre as meninas, é bem mais alta contra as que se declararam não-heterossexuais do que entre as heterossexuais e em proporção maior do que a declarado por meninos heterossexuais.

Os entrevistados também foram perguntados a respeito de episódios de discriminação (Tabela 5). Como seria de se esperar uma proporção mais alta de jovens LGBT, homens e mulheres, foi vítima de discriminação, com praticamente 70% deles tendo declarado já ter sido vítima alguma vez. Mais uma vez a escola aparece como a grande vilã neste cenário – mais da metade dos entrevistados disse ter sido vítima de preconceito por um colega de escola. Entre os heterossexuais de ambos os sexos, o principal motivo pelo qual foram discriminados refere-se à raça/cor, 24% entre eles e 19%

entre elas. Novamente, estar acima do peso aparece como a segunda causa mais frequente de discriminação contra as meninas (de qualquer orientação sexual), seguida pela motivada pela aparência ou alguma outra característica física. Entre as jovens heterossexuais, 7,5% se declarou vítima de discriminação por jogar futebol, o que parece refletir a associação que ainda se faz com o futebol feminino e a suposta homossexualidade das jogadoras.

Tabela 5 – Violência entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte/por orientação sexual. Brasil, 2012.

Experiência com a violência entre os alunos de BH por idade, em percentual	Meninos			Meninas		
	Hetero (n=504)	LGBT (n=33)	P-valor	Hetero (n=570)	LGBT (n=29)	P-valor
Já se sentiu discriminadx						
Sim	34,9	69,7	0,000	37,5	69,0	0,001
Não	64,9	30,3		62,5	31,0	
Por quem já sentiu discriminadx*						
Colega de escola	47,7	43,5		60,3	30,0	
Amigo/Colega	23,9	17,4		17,3	20,0	
Estranhos	10,8	17,4		5,1	10,0	
Familiares	3,4	4,3	0,932	7,9	25,0	0,103
Pessoas em posição de autoridade	8,5	8,7		4,7	5,0	
Conhecidos	5,1	8,7		2,8	5,0	
Outros	0,6	0,0		1,9	5,0	
Porque já sentiu discriminadx*						
Raça/cor	26,6	8,7		22,1	5,3	
Estar acima do peso	11,0	0,0		12,0	15,8	
Orientação sexual	2,9	69,6		1,9	63,2	
Aparência física/por ser feia	6,4	0,0		9,1	0,0	
Características físicas	11,6	8,7	0,000	16,3	0,0	0,000
Comportamento/Opiniões	21,4	4,3		16,8	0,0	
Classe social	5,8	0,0		4,3	0,0	
Religião/crenças	5,2	4,3		5,3	0,0	
Outros	9,2	4,3		12,0	15,8	

Fonte: Pesquisa “*Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo*”, Belo Horizonte, Brasil, 2012. * Correlação significativa quando p-valor=0,05 ou menor.

Na tabela 6, apresentamos alguns dados sobre a experiência dos jovens entrevistados com a violência sexual e com a violência dentro das relações de intimidade. Entre os

jovens LGBT de ambos os sexos, encontramos uma proporção mais alta de jovens que já haviam se iniciado sexualmente. Entre os jovens do sexo masculino essa diferença não foi tão pronunciada com 53,3% dos entrevistados que se declararam heterossexuais e 57,6% dos não heterossexuais se declarando sexualmente ativos. Já entre as entrevistadas, 41,7 % das heterossexuais e 69,0% das não-heterossexuais se declararam como sendo sexualmente ativas, uma diferença expressiva e estatisticamente significativa ($p=0.000$).

Algumas das características do processo de iniciação dos jovens LGBT parecem estar associados a um maior grau de exposição ao risco de violência na esfera das relações de intimidade. Quando comparados aos heterossexuais, a idade na qual tiveram a primeira relação não diferia significativamente, contudo, os jovens LGBT tendiam a ter parceiros mais velhos do que os jovens heterossexuais, chegando a oito anos de diferença em média entre as mulheres bi/homossexuais. Ainda que essa associação não possa ser claramente estabelecida, parceiros mais velhos podem implicar em uma situação na qual o desequilíbrio de poder na relação vulnerabiliza a/o jovem, o que pode dificultar a negociação do uso da camisinha ou do *timing* da relação sexual. Uma evidência disso pode ser o fato de uma menor proporção de mulheres jovens não-heterossexuais ter declarado ter desejado a sua primeira experiência sexual.

Uma proporção expressiva de homens jovens não-heterossexuais declarou já ter tido relações sexuais por ter se sentido ameaçado, a maior proporção entre todos os grupos, seguida pela das jovens heterossexuais. No entanto, o uso da camisinha tanto na primeira quanto na última relação foi extremamente alto entre eles, o que significa uma melhor proteção contra DSTs. O baixo uso da camisinha pelas jovens não-heterossexuais pode atribuído ao fato de que é pouco comum o uso de camisinha ou outra forma de proteção no sexo entre mulheres. Entretanto, nenhuma experiência com gravidez foi declarada pelos entrevistados LGBT, ao contrário dos que se declararam heterossexuais.

Para as jovens também foi perguntado se já foram vítimas de violência sexual, sendo que 3% das heterossexuais e 6% as jovens bi/homossexuais, declararam que sim. Entre as heterossexuais, 36% declarou que foi vítima de algum parente, 29% de algum amigo, conhecido ou vizinho e 7% foi abusada pelo namorado. Entre as jovens bi/homossexuais, 50% das que foram vítimas de violência sexual, foram abusadas por um parente. Esses resultados, denotam o caráter familiar e privado das agressões sofridas pelas mulheres, o que é um grande complicador, já que um agressor próximo e conhecido não só aumenta a vulnerabilidade das vítimas, mas também dificulta a possibilidade de denúncia e a punição do agressor.

Tabela 6 – Experiências na esfera da sexualidade e com violência em relações de intimidade, entre adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte, por orientação sexual, excluindo virgens. Brasil, 2012.

Experiências na esfera da sexualidade e com violência em relações de intimidade, em percentual	Meninos		P-valor	Meninas		P=valor
	Hetero (n=268)	LGBT (n=19)		Hetero (n=238)	LGBT (n=20)	
Idade média entrevistadx na 1º relação sexual (em anos)	14,70	15,37	0,652	15,64	15,40	0,973
Idade média parceirx na 1º relação (em anos)	16,60	19,58	0,000	19,06	23,70	0,001
Com quem teve 1º relação						
Parceirx/namoradx	38,8	31,6		80,1	70,0	
Amigo/a	17,2	21,1		5,1	15,0	
Ficante	28,7	26,3		12,2	10,0	
Parente/ Vizinho	9,7	5,3	0,011	1,2	5,0	0,579
Estranho	4,5	10,5		0,4	0,0	
Outro	1,1	5,3		0,8	0,0	
Desejava a primeira relação	95,6	94,7	0,913	81,9	65,0	0,566
Usou camisinha 1º relação	79,9	73,7	0,520	86,1	70,0	0,130
Frequência com que usa camisinha						
Sempre	71,1	83,3		63,1	17,4	
Frequentemente	17,7	12,5		18,7	21,7	
Às vezes	5,7	4,2	0,537	6,3	8,7	0,000
Nunca	5,7	0,0		11,5	52,2	
Usou camisinha na última relação	84,0	94,7	0,207	67,9	45,0	0,109
Já engravidou parceira/já ficou grávida	3,9	0,0	0,642	9,5	0,0	0,136
Já teve relações por que se sentiu ameaçadx	8,2	42,1	0,000	13,9	5,0	0,504
Já pressionou companheirx por sexo	7,8	16,7	0,328	—	—	—
Foi vítima de violência sexual	—	—	—	3,2	6,9	0,723

Fonte: Pesquisa “*Configurações e Perfis da Juventude no Cenário Contemporâneo*”, Belo Horizonte, Brasil, 2012. * Correlação significativa quando p-valor=0,05 ou menor.

Considerações Finais

Os dados apresentados apontam para uma significativa relação entre violência, gênero e orientação sexual. Os homens são mais propícios a brigar, conhecendo-se ou não, e as mulheres são vítimas de pessoas próximas. Tem-se então dois padrões de

agressão física – a pública e a privada – em que o etos da hipermasculinidade deixa os homens menos propensos a adotar práticas de civilidade e as mulheres mais expostas à violência que advém dos princípios da submissão. Dessa forma, percebe-se que a violência física, seja no ato de cometer ou de sofrer agressões, está ligada a um problema maior, a um desajuste social. No caso deste trabalho, vimos que a escola, contraditoriamente, é o local mais citado, entre meninos e meninas, de ocorrência dos eventos de violência, bem como pode ser visto, que em famílias com histórico de violência doméstica, os jovens têm maior probabilidade de já terem se envolvido em agressões. Este cenário aponta justamente para a fragilidade das instituições socializadoras, deixando os jovens especialmente vulneráveis a diversas situações de risco.

Diante do exposto é importante sinalizar que políticas públicas de prevenção à violência devem, impreterivelmente, levar em conta as desigualdades de gênero. Além da prevenção primária, é preciso dar ênfase a projetos voltados para a população de risco e também investir em prevenção terciária, disponibilizando serviços adequados aos jovens que já tenham sido vítimas ou autores de violência, sobretudo para os que se encontram em desvantagem social. Especial atenção deve ser dada às vítimas da homofobia e às jovens vítimas de violência. Apesar da violência que os jovens LGBT e que as mulheres jovens sofrem, por esses eventos ocorrerem eminentemente no âmbito da escola ou no doméstico e familiar, acaba ficando na invisibilidade, no anonimato. Muitos são vítimas de exploração e abuso sexual, violência física e/ou psicológica, mas tem enorme dificuldade em denunciar seus agressores. Denunciá-los significa passar por vários obstáculos, como por exemplo, precisam sair de casa, sobretudo quando não trabalham ou quando o trabalho não as dá suporte para que possam viver sozinhas. A escola, como um dos principais *locus* da violência, deveria também ser o lugar no qual essa é debatida e denunciada. A educação em relação às questões relacionadas às desigualdades de gênero e a diversidade sexual se torna primordial como uma forma de conduzir os jovens a uma maior reflexão a respeito do papel da violência em suas vidas e desnaturalizar a violência de gênero, a homofobia e o sexismo.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia, SILVA, Lorena. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil. 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf> >. Acessado em 28 de abril de 16.

CASTRO, Mary G., ABRAMOVAY, Miriam. Marcas de Gênero na Escola: sexualidade, violência discriminação - representações de alunos e professores. **Educar para a Igualdade: Gênero e Educação Escolar**. São Paulo, p. 127-156, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand. 2007.

SOARES, Luís Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. IN: NOVAES, R., VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo. 2004.

WASELFISZ, Júlio J. **Mapa da Violência: Morte Matadas por Arma de Fogo**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>. Acessado em 28 de abril de 16.

ZALUAR, Alba. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 24 (71), 9-24. 2009.